



SUESTE
CAPITAL

Carta Mensal
Junho

Introdução

Durante o mês de junho, os bancos centrais estiveram bastante ativos. As principais entidades financeiras dos países desenvolvidos mantiveram uma postura mais *hawkish*, como vínhamos falando em nossas cartas anteriores. Por outro lado, os bancos centrais de economias emergentes, como Chile e Brasil, estão sinalizando que estão próximos de iniciar um período de redução, enquanto a China continua trilhando seu próprio caminho de uma maneira peculiar.

Nos EUA, embora tenha optado por não alterar as taxas de juros, o FED revelou em suas projeções que a maioria dos membros espera duas elevações adicionais no futuro. Além disso, os dados recentes que precederam essa decisão forneceram todos os fundamentos para essa posição, e Powell enfatizou que esses dados também seriam levados em consideração ao tomar a decisão em julho. De forma surpreendente, o setor imobiliário retomou seu crescimento e a inflação medida pelo PCE permaneceu significativamente acima da meta estabelecida. Por outro lado, durante um período de duas semanas, houve uma expectativa de desaceleração no mercado de trabalho, mas essa tendência foi revertida no último relatório de pedidos de auxílio-desemprego.

No contexto brasileiro, observa-se um cenário com menor nível de incertezas na cauda esquerda. Durante a reunião do Copom e conforme esperado, o Banco Central optou por manter a taxa de juros inalterada. No entanto, na ata divulgada posteriormente, adotaram um tom mais flexível em sua comunicação, reforçando as expectativas de um próximo ciclo de redução das taxas de juros. Essa decisão foi tomada em meio às surpresas negativas do IPCA em maio, bem como a revisões para baixo das projeções de inflação para os anos de 2023 e 2024. Por fim, vemos como positiva a (sinalização) manutenção da meta de inflação pelo CMN.

Na Europa, o ECB elevou a taxa de juros em 25bps e indicou que é provável que ocorra outro aumento em julho. Por outro lado, o PMI composto registrou mais uma queda em junho, ao contrário dos meses anteriores, e essa redução foi observada tanto na indústria quanto nos setores de serviços.

A economia chinesa teve um revés com o setor externo, que havia sido um suporte importante desde o início da pandemia, deixando de contribuir positivamente nas contas nacionais. Diante desse cenário, o PBOC pontualmente reduziu as taxas de juros. Com o ano atingindo a metade sem que a economia ganhe força, acredita-se que o país esteja cada vez mais próximo de correr o risco de não alcançar o crescimento prometido para este ano – porém, este desvio já está amplamente esperado pelo mercado.

Cenário prospectivo

No mês de julho, estaremos atentos à divulgação dos indicadores econômicos nos Estados Unidos e à decisão do FED que deve optar por aumentar as taxas de juros. No contexto brasileiro, teremos foco nas discussões sobre a reforma tributária, que visa unificar cinco impostos - PIS, Cofins, IPI, ICMS e ISS e tributar no destino. Além disso,

suestecapital.com.br

teremos o arcabouço fiscal em que o projeto passará novamente por votação na Câmara dos Deputados devido às modificações feitas pelos senadores. Esperamos a manutenção do original dos deputados.

Cenário econômico externo

Nos Estados Unidos, de acordo com as últimas informações divulgadas pelo Fed, existe a possibilidade de ocorrer mais uma ou duas elevações nas taxas de juros nos próximos meses. Os indicadores que refletem a atividade econômica apresentam uma perspectiva mista. Por um lado, o PMI de serviços, os pedidos de auxílio-desemprego, as horas trabalhadas e a taxa de pedidos de demissão apontam para um resfriamento gradual da atividade econômica. Por outro, as contratações líquidas permanecem fortes, com cerca de 300k empregos criados por mês nos últimos seis meses, e a disponibilidade de vagas continua elevada, mostrando a resiliência em tal mercado que vínhamos escrevendo.

Na Zona do Euro, os indicadores de atividade econômica estão seguindo um caminho oposto, com uma sequência de surpresas negativas. O destaque do mês foi o PMI para o setor de serviços, que registrou a primeira desaceleração notável em um setor que estava mais resiliente. No entanto, há um ponto em comum com os Estados Unidos: o aperto do mercado de trabalho. Nesse contexto, Christine Lagarde afirmou que fará o necessário para levar a inflação de volta à meta e demonstrou preocupação com os efeitos inflacionários da baixa produtividade na economia. Acreditamos que o BCE aumentará sua taxa em 25bps na reunião de julho e, em seguida, dependerá cada vez mais dos dados, seguindo uma abordagem similar à do Fed dos Estados Unidos.

A China evidenciou ainda mais sinais de desaceleração, com redução na produção industrial e um ritmo mais lento no mercado imobiliário. Um dos principais destaques nesse período foi a queda significativa de 7,5% nas exportações do país. Diante dos indicadores que apontam dificuldades na recuperação da economia chinesa, o país implementou o primeiro corte nas taxas de juros desde 2022, com o objetivo de estimular o consumo e impulsionar os mercados internos. Seguimos monitorando se tal estímulo será pontual ou o início de uma trajetória.

Cenário econômico interno

No Brasil, o ambiente econômico está se tornando menos incerto. O Banco Central optou por manter a taxa de juros inalterada, porém adotou uma postura mais flexível em sua comunicação, sinalizando a possibilidade de iniciar um ciclo de redução dos juros em Agosto. Essa decisão foi tomada em meio a surpresas negativas na inflação medida pelo IPCA em maio, juntamente com revisões para baixo das projeções de inflação para os anos de 2023 e 2024. Além disso, o Conselho Monetário Nacional definiu a meta de inflação para 2026 em 3%, proporcionando maior estabilidade e previsibilidade para o médio e longo prazo. Por fim, é importante mencionar dois eventos políticos relevantes: a decisão do TSE de declarar a inelegibilidade do ex-presidente Bolsonaro e o início das discussões sobre a reforma tributária.